



## Índice

Editorial	1
Parcerias <i>grudis</i>	2
Homenagem a Domingues de Azevedo	2
VI <i>workshop grudis - feedback</i>	5
VII <i>workshop grudis</i>	6
XVI Conferência <i>grudis</i>	7
Publicações de membros do <i>grudis</i>	8
Espaço de opinião sobre investigação <i>The (frequently) forgotten sibling</i>	9
Notas sobre Contabilidade	10

## Editores da *grudisletter*

Rui Robalo  
Carla Carvalho

## Equipa de Coordenação do *grudis*

Aldónio Ferreira  
Carla Carvalho  
Helena Isidro  
João Oliveira  
Paulo Alves  
Rúben Peixinho  
Rui Robalo  
Sofia Lourenço

E-mail: [coordenacao.grudis@gmail.com](mailto:coordenacao.grudis@gmail.com)

Website: [www.grudis.pt](http://www.grudis.pt)

A Equipa de Coordenação do *grudis* esclarece que os textos que constam na *grudisletter* são da inteira responsabilidade dos autores que os assinam e que a informação acerca das publicações dos *grudistas* resulta das respostas recebidas dos mesmos.

## Editorial

Bem-vindos à 14ª edição da *grudisletter*, a qual continua a desempenhar um importante papel de comunicação das iniciativas *grudis*. O Aldónio Ferreira dá-nos conta de duas importantes parcerias *grudis*, uma com a *European Accounting Association* e a outra com a Ordem dos Contabilistas Certificados.

Nesta edição da *grudisletter* damos particular destaque à homenagem ao primeiro Bastonário da Ordem dos Contabilistas Certificados, António Domingues de Azevedo. Esta merecida homenagem é assinada pela Leonor Fernandes Ferreira e subscrita pela Equipa de Coordenação do *grudis*, e pensamos que por todos os *grudistas*.

São ainda notícia os *workshops grudis*. Começamos com o *feedback* do VI *workshop grudis*, realizado no passado mês de junho na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, e que se pautou pela elevada qualidade das intervenções sobre a investigação em Auditoria e Fiscalidade. Semelhante qualidade é esperada no VII *workshop grudis*, que decorrerá já no próximo dia 23 de novembro, na Escola Superior de Gestão do Instituto Politécnico de Tomar. Neste *workshop* vai debater-se a investigação baseada na prática, um tema transversal a todas as áreas da Contabilidade, pelo que contamos com a presença de todos vós.

Queremos também apelar à vossa participação na XVI Conferência *grudis* e *Doctoral Colloquium* que irá decorrer na Universidade do Algarve nos dias 20 e 21 de janeiro de 2017. A organização do evento, liderada pelo Rúben Peixinho, desafia-nos à submissão de artigos e projetos de investigação.

Esta edição da *grudisletter* conta ainda com outros conteúdos de elevado interesse. Divulga as publicações de membros do *grudis*, a quem endereçamos os nossos parabéns, constituindo as suas publicações um estímulo para toda a nossa Comunidade. No já habitual espaço de opinião sobre investigação o Aldónio Ferreira leva-nos a refletir sobre a necessidade de atender à investigação sobre o ensino da contabilidade. Concluímos com mais uma excelente crónica do José Moreira.

Queremos, ainda, informar-vos que deixaremos de apresentar a habitual rubrica “Accounting events” da *grudisletter*, em virtude de existir uma plataforma da *European Accounting Association*, <http://arc.eaa-online.org/calendar.aspx>, com a divulgação de um vasto leque de encontros científicos.

**Rui Robalo e Carla Carvalho**

## Parcerias *grudis*

Temos duas boas notícias. A Equipa de Coordenação tem vindo, desde há algum tempo, a desenvolver contactos com a *European Accounting Association* (EAA) no sentido de obter o seu apoio para as atividades do *grudis*. Na sequência desses contactos, iniciados em primeira instância com a anterior presidente da EAA e aos quais foi dado seguimento com o atual presidente, Salvador Carmona, por intermédio do João Oliveira e da Helena Isidro, a EAA aceitou dar o seu apoio ao *Doctoral Colloquium* e à Conferência *grudis*. Este traduz-se num apoio financeiro para convidar um investigador de elevado prestígio que participe como orador convidado na Conferência e que forme parte do painel académico no *Doctoral Colloquium*. Em resultado deste acordo, foi-nos possível assegurar a presença do Professor Peter Pope, da London Business School, no próximo *Doctoral Colloquium* e Conferência *grudis*. Esta é uma notícia que nos deixa extremamente satisfeitos e esperançados que possa constituir o início de um ciclo na vida do *grudis*.

A outra boa notícia, que resultou da intervenção da Professora Lúcia Lima Rodrigues, é que a Sra. Bastonária Filomena Moreira, da Ordem dos Contabilistas Certificados (OCC), mantém a continuidade do Prémio OCC. Este prémio visa promover a qualidade da produção científica na área da Contabilidade em Portugal. Dos artigos aceites na revista e oriundos da XVI Conferência *grudis*, será selecionado o melhor artigo, o qual receberá o Prémio OCC. Mantém-se, assim, a parceria estabelecida em 2015 e através da qual já foram atribuídos dois prémios com o valor pecuniário de 800 euros.

**Aldónio Ferreira**

## Homenagem ao Sr. Bastonário António Domingues de Azevedo (1950 – 2016)



Conheci António Domingues de Azevedo em 2001, era Ele presidente da Câmara dos Técnicos Oficiais de Contas, no âmbito das minhas funções de secretária da mesa da assembleia geral, cargo que hoje desempenho na Ordem dos Contabilistas Certificados (OCC). Nesse contexto, fui coincidindo e encontrando repetidamente António Domingues de Azevedo e pude observar a sua enorme capacidade de trabalho, as suas aspirações e fervorosas motivações, as qualidades humanas e, até, traços marcantes da sua personalidade. Passaram cerca de quinze anos, e muitíssimas reuniões durante as quais tomei inúmeras notas e estive particularmente atenta às palavras proferidas pelo Senhor Bastonário da OCC, que depois seriam vertidas em ata. Assisti, também, ao crescimento da instituição que oficialmente representa os contabilistas certificados, cujo desenvolvimento António Domingues de Azevedo, com o apoio de equipas empenhadas e respeitadoras, passo a passo, caminhando e deixando rasto, acompanhou e acarinhou como se de um filho se tratasse.

Frequentemente Lhe ouvi dizer, nas assembleias gerais que secretariei: “julguem-me pelo que for capaz de fazer, não pelo que for capaz de dizer”.

Sem querer contrariar o seu pedido, convido os GRUDISTAS, meus colegas professores universitários e investigadores nos domínios da Contabilidade, a visitar os escritos de António Domingues de Azevedo para, em conjunto, concluirmos que o seu desejo se foi tornando

realidade. Apela a valores a preservar: solidariedade, trabalho honesto e recompensa, ambição, esforço e persistência, gratidão e reconhecimento. Revelam um misto de “saber de experiência feito”, vontade e determinação, querendo sempre mais e mais, mais e melhor. É esta uma outra forma de conhecer o seu pensamento, o suporte explicativo da ação de um Homem ao qual não podemos ficar indiferentes.

António Domingues de Azevedo liderou durante cerca de duas décadas os destinos da entidade que regula a profissão dos contabilistas certificados. Presidindo primeiro à ATOC (Associação) e em seguida à CTOC (Câmara) entre 1999 e 2009, cumpriu depois o sonho de transformar a Câmara em Ordem, em 2009, tendo sido o primeiro bastonário desta instituição que é atualmente a maior ordem profissional portuguesa, com cerca de 72 mil membros, cargo que ocupava no dia do seu falecimento, em 11 de setembro de 2016.

Deixou-nos, este Homem bom, satisfeito com a obra criada, o dever cumprido, e o sentido da justiça e recompensa exercidas com grande humanismo. Vinte anos volvidos, é possível fazer um balanço da obra impressionante que delineou, liderou e executou. E é um facto que não podemos ficar indiferentes à obra que legou.

Em 1995, um ano decisivo no estabelecimento da profissão de contabilista, António Domingues de Azevedo, então na comissão instaladora da ATOC, delineava o caminho, “na busca constante da perfeição”. A regulamentação desta profissão muito lhe deve, já que foi autor do projeto de lei que viria a ter aprovação.

No ano 2000, liderando a CTOC, António Domingues de Azevedo desafiava os contabilistas: “Se todos formos capazes, à medida das possibilidades de cada um, de participar na construção deste grandioso trabalho, não tenhamos dúvidas, ninguém tenha dúvidas que damos hoje início a um imensurável e irreversível ciclo na vida dos Técnicos Oficiais de Contas e da sua Instituição” (‘Um Novo Ciclo’, *Revista TOC*, n.º 1, abril, 2000, p.3). Na

mesma altura, estabelecia os limites: “Enfim, quando tivermos a coragem de sermos exigentes connosco, no sentido da nossa dignificação, então estaremos a construir o nosso próprio futuro.” (‘Construir o Futuro’, *Revista TOC*, n.º 2, maio, 2000, p.3).

E prosseguiu, ano após ano, na execução dos planos: “Quem aceita a responsabilidade de estar ao serviço dos outros tem que possuir a humildade de se sujeitar ao julgamento permanente dos seus atos. Tem que ter um espírito forte e determinado para contornar inúmeras dificuldades que se lhe deparam ao longo do percurso. Tem que ter a imaginação para criar e desenvolver soluções adequadas aos problemas que assolam os seus representados.” (‘A Paz do Dever Cumprido’, *Revista TOC*, n.º 76, Ano XVII, julho, 2006, p.3).

Em 2011, a Academia prestou-lhe vénia, tendo António Domingues de Azevedo sido, então, agraciado com o título de Especialista *Honoris Causa* pelo Instituto Politécnico de Lisboa, atribuído pela primeira vez, que o reconheceu como «uma referência maior entre os contabilistas» e «no desenvolvimento e consolidação desta profissão». Na cerimónia, António Domingues de Azevedo observou que “Valeu a pena chegar até aqui, valeu a pena viver o sonho”(…) “Temos mais degraus para subir e muito caminho para cumprirmos a nossa missão” (‘Caminhando o Caminho’, *Revista TOC*, Ano XII, n.º 140, novembro, 2011, p.17).

Comentador assíduo nos *media* sobre temas de economia e fiscalidade, expressava – nas televisões, rádios e jornais – com frontalidade e determinação as suas opiniões, contribuindo assim para dar visibilidade à profissão de contabilista. António Domingues de Azevedo foi uma voz crítica da política fiscal, defendendo o cidadão enquanto contribuinte e proclamando a desejada justiça fiscal. Debatia as sucessivas alterações nos impostos e explicava como as mudanças fiscais afetam a vida dos portugueses, no seu estilo simples, direto e contundente, de modo a todos compreenderem. Afirmando que não podia “ser moderado quando defendo aquilo em que acredito” (Lusa, 23 de novembro de 2015, consultado em

<http://www.occ.pt/fotos/editor2/lusa-sobretaxa23nov.pdf>).

António Domingues de Azevedo, como meio de valorizar a Contabilidade e os Contabilistas como classe profissional, considerava que “a formação profissional é uma realidade e uma necessidade inquestionável nas profissões consideradas de nível superior e, com especial relevo, para aquelas que lidam com questões de grande mutabilidade. A menorização que durante tanto tempo foi dispensada à contabilidade e a visão particular que dela se cultivou, desmereceu a sua função, o seu mérito e a sua importância na sustentabilidade económica das empresas e na possibilidade de continuarem a cumprir o relevante papel de estabilidade social que desempenham na nossa sociedade.” (*Retrospetivando*, *Revista TOC*, Ano XIV, n.º 168, março, 2014, p.3).

Em outubro de 2014, ao ser reeleito no cargo de Bastonário da OCC, António Domingues de Azevedo referiu a sua “total disponibilidade para participar empenhadamente nas soluções que sejam boas para a nossa profissão seguros de que, sendo boas para nós, o serão também para o País”. “Nessa e noutras tarefas, como sempre fiz, darei o melhor do meu saber, entrega, criatividade e experiência, porque tenho consciência que, para construir uma profissão como a nossa e a necessária sensibilidade para as dificuldades que todos experimentamos no seu exercício, temos que dar as mãos e todos juntos rumarmos no mesmo sentido e direção.” (*Rumar no Mesmo Sentido*, *Revista TOC*, Ano XV, n.º 175, outubro, 2014, p.3).

Em jeito de balanço, exprimia-se, em julho de 2015: “Por vezes, temos a sensação que o nosso tempo passou, que o mundo é outro e que aquele que conhecíamos vai morrendo lentamente. Essa é a sensação, mesmo que em sonhos, de quem se sente realizado, de quem fez o que tinha de fazer. Mas é também aí que damos por nós a pensar em novos projetos, sonhos e realidades.” (*Acreditar na Nossa Força*, *Revista TOC*, Ano XVI, n.º 184, julho, 2015, p.3).

Em julho de 2016, no último Editorial que escreveu, sob a epígrafe Falência Ética, refletia, manifestando-se preocupado: “é necessário e urgente, com regras previamente definidas, apostar nas pessoas, bem como incentivar a responsabilização e a criação de mecanismos jurídicos que punam com rigor e verdade os prevaricadores. Se não o fizermos, ensina-nos a história, que sobre a miséria e sofrimento de muitos, constrói-se a avareza, o fausto e o ócio de alguns” (*A Falência Técnica*, *O Contabilista*, n.º 196, julho, 2016, p.3).

Quem conheceu este Homem, sabe que para Ele estar na Ordem foi estar na vida. Ensinou-nos que a vida é “uma oportunidade de compreendermos a realidade que nos rodeia, influenciá-la e deixarmo-nos influenciar por ela” e que “se queremos alcançar alguma coisa, temos de por ela lutar”. Foi precisamente o que António Domingues de Azevedo fez: sonhou e construiu “com profissionalismo, amor e dedicação” uma grande Obra. Em sua memória, teremos de A preservar.

**Leonor Fernandes Ferreira**

## VI workshop grudis - feedback



A Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra acolheu no passado dia 17 de junho o VI *workshop grudis*, no qual se debateu a “Investigação em Auditoria e Fiscalidade”.

Mais um sucesso no palmarés do *grudis*, que se ficou a dever às excelentes comunicações da Cidália Lopes (ISCAC), do António Martins (FEUC), da Helena Inácio (ISCA-UA) e da Maria do Céu Ribeiro (PWC-Porto). A moderação deste painel ficou a cargo do Francisco Carreira (ESCE-IPSetúbal). Estes oradores e moderador, com formações académicas e experiências práticas distintas, proporcionaram-nos momentos únicos de aprendizagem. Debateram, de forma crítica, temas muitos relevantes na área da Fiscalidade e da Auditoria, recorrendo a trabalhos em que estiveram envolvidos e lançaram importantes pistas de investigação futura. A todos eles o nosso profundo agradecimento.

No seu papel de moderador, o Francisco Carreira começou por efetuar um enquadramento do tema do *workshop* e, após a intervenção de cada orador, geriu a colocação das questões e a discussão animada com a audiência.

A primeira intervenção dos oradores coube à Cidália Lopes que apresentou algumas reflexões sobre a investigação em Fiscalidade. Além de justificar a importância da investigação nesta área e de efetuar uma revisão dos métodos de investigação que têm sido

aplicados, a Cidália deixou também algumas pistas de investigação futura em Fiscalidade. Ainda no âmbito da Fiscalidade, seguiu-se a intervenção do António Martins, que nos apresentou problemas frequentes com que se debate a investigação nesta área, enunciando os seus prós e contras. Aproveitando a sua experiência empresarial, efetuou uma abordagem da ligação entre a investigação e a prática em Fiscalidade, sugerindo alguns tópicos de investigação. Concluiu a sua intervenção com a apresentação de algumas revistas de interesse na investigação em Fiscalidade.

Concluídas as duas primeiras apresentações, foi aberto o debate de que resultaram diversas questões e comentários que enriqueceram em muito o *workshop*. Seguiu-se o habitual *coffee-break*, durante o qual os participantes tiveram a oportunidade de conviver e partilhar experiências.

Retomados os trabalhos, foi a vez da intervenção da Helena Inácio que nos fez um ponto de situação sobre o estado da arte da investigação em Auditoria a nível nacional e internacional. Começou por identificar as áreas temáticas em que tem incidido aquela investigação, os maiores obstáculos e metodologias usualmente aplicadas. Com o objetivo de orientar estudos futuros nesta área, apresentou ainda as revistas e artigos de referência, assim como algumas pistas de investigação. A reflexão sobre a investigação em Auditoria terminou com a apresentação da Maria do Céu Ribeiro. Munida da sua experiência enquanto auditora na PWC, a Maria do Céu trouxe-nos um olhar prático, e simultaneamente crítico, da investigação que tem vindo a ser realizada em Auditoria. Questionou igualmente a falta de interação entre a prática e a academia, ou seja, alertou-nos para a necessidade de os estudos académicos incidirem sobre temas de interesse para os práticos, com o uso de abordagens, metodologias e linguagem que sejam mais apelativas aos práticos. De ambas as apresentações resultaram várias questões vindas da audiência, e dos restantes oradores, o que animou a discussão que se seguiu.

De sublinhar que o sucesso deste evento em muito se ficou a dever a uma assistência excepcional, já que contámos com mais de 100 participantes, colegas, alunos de doutoramento e de mestrado, de diversas Escolas deste País, muitos deles *grudistas* e outros em vias de o ser.

Resta-nos agradecer a todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para o sucesso desta iniciativa. Foi bom receber-vos em Coimbra!

**Ana Maria Rodrigues, Carla Carvalho e Rui Robalo**

## VII *workshop grudis* “Practice Based Research”



A Escola Superior de Gestão de Tomar (ESGT) do Instituto Politécnico de Tomar (IPT) irá acolher o VII *workshop grudis*, no próximo dia 23 de novembro de 2016, entre as 14h e as 18h, tendo como área de discussão a “Practice Based Research”.

A investigação baseada na prática é uma temática que interessa aos membros do *grudis* mas também a investigadores de outras áreas científicas. Tratando-se de uma metodologia com utilidade transversal em vários campos de investigação, desafiamos a participar neste *workshop*, além dos *grudistas*, outros colegas de diferentes áreas do conhecimento.

O *workshop* terá como moderador Luís Lima Santos do Instituto Politécnico de Leiria, e contará ainda com a

partilha de diferentes e profundas experiências na área em discussão, por parte de três investigadores: José Manuel Oliveira da Universidade de Aveiro, Rute Abreu do Instituto Politécnico da Guarda e Luís Marques da Universidade Católica. O VII *workshop grudis* irá certamente constituir um momento ímpar de fomento e aprofundamento de experiências de investigação.

A ESGT e a equipa organizadora do VII *workshop grudis* prepara-se para vos receber no *campus* do IPT em Tomar ([www.ipt.pt](http://www.ipt.pt)). A ESGT tem como missão formar profissionais de qualidade, nas áreas das Ciências Empresariais, Sociais e do Comportamento, com forte ligação ao mercado de trabalho, e promover o Empreendedorismo, a inovação e a transferência de conhecimento, num ambiente de uma cultura de trabalho e de rigor.

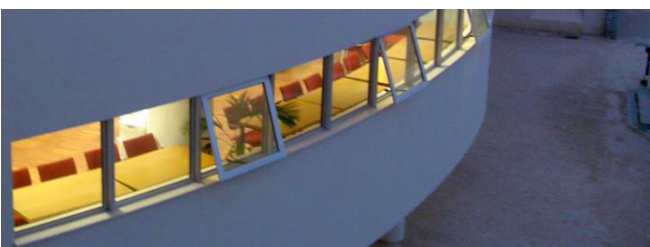
A cidade de Tomar ([www.cm-tomar.pt](http://www.cm-tomar.pt)), com todo o seu conjunto monumental e de jardins, só por si merece uma visita. Se puderem venham mais cedo ou fiquem para além do período do *workshop*. Não se arrependirão. Passear pela cidade – de dia ou à noite – é muito agradável e para tomar uma refeição há bons restaurantes na cidade.



Sobre o evento têm mais informação em [www.viiworkshopgrudis.ipt.pt](http://www.viiworkshopgrudis.ipt.pt). Não hesitem e procedam até ao dia 20 de novembro de 2016 à vossa inscrição (gratuita mas obrigatória) em <https://goo.gl/forms/TQ1jgKhJgAyQzekW2>.

**Luís Francisco, Carla Carvalho e Rui Robalo**

## XVI Conferência *grudis* e *Doctoral Colloquium* (20-21 janeiro 2017)



As Conferências anuais *grudis* constituem hoje um marco importante de discussão académica e de confraternização para todos os investigadores em Contabilidade. Desde a primeira conferência realizada em 2002, o *grudis* tem contribuído decisivamente para o crescimento significativo da rede de investigadores em Contabilidade. A XVI Conferência *grudis* e *Doctoral Colloquium* irão decorrer na Universidade do Algarve, em Faro, nos dias 20 e 21 de janeiro de 2017, numa organização conjunta da Faculdade de Economia e da Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo da Universidade do Algarve.

Considerando a importância que os projetos de doutoramento em Contabilidade têm assumido ao longo dos últimos anos, o dia 20 de janeiro de 2017 (sexta-feira) será dedicado ao *Doctoral Colloquium*. Este evento destina-se à apresentação de projetos de investigação de doutorandos em Contabilidade e tem como principal objetivo promover a discussão com elementos de um painel de *faculty* e proporcionar *feedback* importante para a melhoria dos trabalhos. O dia 21 de janeiro de 2017 (sábado) será dedicado à apresentação e discussão de artigos científicos nos mais diversos domínios da Contabilidade. A discussão será aberta a todos os participantes e contará com um

*discussant* por artigo apresentado, que proporcionará uma discussão mais profunda do trabalho.

Esta edição da Conferência *grudis* contará com a participação do Professor Peter Pope da *London School of Economics*. O Professor Peter Pope tem uma vasta experiência de investigação e um elevado número publicações em Contabilidade, onde se destacam as áreas do reporte financeiro, dos mercados de capitais e da avaliação de empresas. A sua investigação e contribuição para a área têm sido reconhecidas através de prémios e distinções ao longo dos anos, incluindo o 2008 Best Paper Award 2004-2008 da *Financial Accounting and Reporting Section* da *American Accounting Association* e o prémio de Académico do Ano 2006 atribuído pela *British Accounting Association*. É atualmente co-editor do *Journal of Business Finance & Accounting*.



O encontro anual do *grudis* ruma este ano a sul e estará pela primeira vez no Algarve. Decorrerá nas instalações da Faculdade de Economia da Universidade do Algarve, no campus de Gambelas, em Faro. O envio dos artigos e projetos de investigação deve ser efetuado até ao dia 25 de novembro de 2016 através do email [grudis2017@ualg.pt](mailto:grudis2017@ualg.pt).

Mais informações poderão ser encontradas em <http://www.xvconferenciagrudis.info/>

Contamos com todos no Algarve!

**Rúben M. T. Peixinho**

## Publicações de membros do *grudis*

De abril a outubro de 2016

### Revistas com *referee*

Augusto, L., Santos, J.N., Vieira, E.S. (2016), 'Cobertura do risco financeiro nas empresas do PSI 20', *Revista Estudos do ISCA*, Série IV, 13: 1-16.

Borrego, A.C., Lopes, C.M., Ferreira, C. (2016), 'Tax complexity indices and their relation with tax noncompliance: Empirical evidence from the Portuguese tax professionals', *Tékhne*, 14(1): 20-30.

Cardão-Pito, T. (2016), 'A law for the social sciences regarding us human beings', *Journal of Interdisciplinary Economics*, 28(2): 202-229.

Cardão-Pito, T. (2016), 'Assisting the High Administrative Court in restricting too broad a concept of academic judgment', *Accountability in Research: Policies and Quality Assurance*, 23(1): 53-62.

Cardão-Pito, T., Barros, J. (2016), 'The application of "fair value" accounting standards to the income statements of firms listed in the Portuguese Stock Index-20 (PSI-20)', *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, 18: 67-86.

Carmo, C.M., Moreira, J.A., Miranda, M.C. (2016), 'Earnings quality and cost of debt: evidence from Portuguese private companies', *Journal of Financial Reporting and Accounting*, 14(2): 178-197.

Costa, A.J., Pinheiro, M.M., Ribeiro, M.S. (2016), 'Ethical perceptions of accounting students in a Portuguese university: the influence of individual factors and personal traits', *Accounting Education*, 25(4): 327-348.

Jorge, S., Jesus, M., Laureano, R. (2016), 'Governmental Accounting maturity towards IPSASs and the approximation to National Accounts in the European Union', *International Journal of Public Administration*, 39(12): 1-13.

Jorge, S., Jesus, M., Nogueira, S. (2016), 'Information brokers and the use of budgetary and financial information by politicians: the case of Portugal', *Public Money and Management*, 36(7): 515-520.

Martins, M.M., Lopes, I.T. (2016), 'Culture and Profitability: Empirical Evidence at a European Level', *Corporate Ownership and Control*, 13(2-Continued 3): 579-586.

Nogueira, S., Jorge, S. (2016), 'Explanatory factors for the use of the financial report in decision-making: Evidence from Local Government in Portugal', *Spanish Accounting Review*, 19(2): 216-226.

Pereira, N., Inácio, H. (2016), 'A determinação da materialidade em auditoria – Problemática do julgamento profissional', *Revista Estudos do ISCA*, Série IV, 13: 1-16.

Pimentel, L., Major, M. (2016), 'Key success factors for quality management implementation: evidence from the public sector', *Total Quality Management & Business Excellence*, 27(9): 997-1012.

Quesado, P.R., Guzmán, B.A., Rodrigues, L.L. (2016), 'Extrinsic and intrinsic factors in the Balanced Scorecard adoption: an empirical study in Portuguese organizations', *European Journal of Management & Business Economics*, 25(2): 47-55.

Quesado, P.R., Lopes, M.C. (2016), 'Benefícios e Determinantes do Sistema de Custeio Baseado nas Atividades (ABC): Um Estudo de Caso', *Qualitas Revista Eletrónica*, 17(1): 37-57.

Saraiva, H., Alves, M. (2015), 'The use of the Balanced Scorecard in Portugal: Evolution and effects on management changes in Portuguese large companies', *Tékhne*, 13: 82-94.

Vieira, E. (2016), 'Earnings Management in Public Family Firms under Economic Adversity', *Australian Accounting Review*, 26(2): 190-207.

### Livros e capítulos de livros

Cardão-Pito, T. (2016), 'Intangibles', in Werry, F., Schor, J. (Eds.), *SAGE Encyclopedia of Economics and Society*, Thousand Oaks, CA: SAGE Publications (Vol. 4: 948-950).

Cardão-Pito, T. (2016), 'Survey methods in heterodox economic research', in Lee, F. (Eds.), *Handbook of research methods and applications in heterodox economics*, Northampton, MA: Edward Elgar (110-134).

Jorge, S., Mattei, G. (2016), 'The Contingency Model of reforms in public sector accounting', in Farazmand, A. (Eds.), *Global Encyclopedia of Public Administration, Public Policy, and Governance*, Springer International Publishing Switzerland (Accounting and Financial Management: 1-15).



## Espaço de opinião sobre investigação

### *The (frequently) forgotten sibling*



The field of accounting research offers more opportunities than it first meets the eye. Today I shed light into the frequently forgotten field of accounting education research.

Accounting research is largely dominated by financial accounting, with particular emphasis on the link between accounting information and financial markets. Management accounting research also plays a major role in the accounting research space, with considerable focus on performance measurement, incentives, decision-making, and costing systems. Other fields of research include auditing, corporate governance, accounting information systems, social and environmental accounting, accounting history, and, the focus of this piece, accounting education.

I started with the provocative idea that accounting education is the “forgotten sibling”. Truth be told, it is not the only one. But of the accounting research areas that have received less time from researchers, it is the one that puzzles me the most and hence the one I want to discuss today. Why, you ask, why does accounting education matter? For three key reasons.

First, the primary role of tertiary education institutions (TEIs) is, as the very name suggests, to educate. Without education, most TEIs would simply cease to exist for obvious reason - the gross of the TEIs’ income is derived from the teaching they undertake. In Australia, for example, the industry is so large that Education has been for many years the country’s third largest export, after coal and iron ore, and well ahead of tourism. It is estimated to be worth AU\$20 billion (€13,850 million), including course fees and living expenses. In an increasingly knowledge-based world, the role of education will continue to grow, as more and more people seek to not only acquire a primary tertiary education (i.e. a bachelor degree), but also feel compelled to invest in post-graduate degrees as a means of extending their knowledge, developing new skills and competencies, and ultimately differentiate themselves in competitive job markets. Accounting, which is commonly described as the language of business, does not appear to be at risk of disappearing, although I have little doubt that the field will be greatly transformed in the next decade. In this context, it is rather surprising that so little time and effort is placed on accounting education research, research that will ensure the field continues to offer degrees that are pedagogically sound, industry relevant, and that take advantage of the technological advances.

Second, the disruptive role of technology is obviously taking hold in tertiary education. It is Schumpeter’s “creative destruction”, the process through which markets ensure progress takes place. This process is taking place across all industries and the Education sector is no exception. Technology is being increasingly embedded in teaching through the use of online learning systems, such as Moodle and Blackboard, and a multitude of apps designed to enhance the student’s experience, including [Evernote](#), [Polleverywhere](#), and [Explaineverything](#). So how may these technological advances impact on how we teach accounting? Are they suited to different [learning styles](#) of accounting students? How

do they influence students into becoming more deep learners (i.e. the learning strategy of seeking meaning and in-depth understanding)?

Third, the pedagogy is also changing. This is a consequence of both the technological advances noted above and the developments in the very rich field of education. The transformation in this area over the last decade has been enormous and is driving a re-design of classrooms to promote higher student engagement and to enable non-conventional teaching styles classes. In a time where teachers must compete for student attention with Facebook and plenty of other social media apps, the old didactic teaching that we were exposed to as university students is largely defunct (this model assumes the teacher to be the holder of the knowledge and students the vessels to be imparted with that knowledge). There is a swift shift towards problem-based learning (a model successfully used by Maastricht University since 1978; check [HERE](#)), [blended learning](#), [flipped classes](#), etc. all modes of delivery that empower students to take responsibility over their own learning, that offer richer in-class experiences, that enable the development of lifelong skills, not just technical skills, including critical thinking, problem-solving, communication, group work, leadership, self-management, digital literacy, amongst others. No doubt employers expect accounting graduates to be technically competent, but they expect so much more these days. Are we setting up our accounting graduates for success? With which skills do graduates leave TEIs? What skills do employers value the most? How are learning outcomes influenced by the use of different pedagogies or technologies? These are just some of the questions one could ask. The truth is that the accounting education questions are endless. We need to dare to ask.

*Aldónio Ferreira*

## Notas sobre Contabilidade



Anualmente tenho de orientar, no mínimo, meia dúzia de estudantes de mestrado no trabalho de preparação das respetivas dissertações. Alunos, quase sempre, de um mestrado na área da Contabilidade, com vidas profissionais ativas, cheias, que condicionam a respetiva disponibilidade de tempo para se dedicarem à produção dessa peça final de conclusão do curso.

A primeira reunião de orientação, que dá início à abertura do diário que tenho dedicado a cada um, tem sempre dois assuntos obrigatórios: a definição do tema e próximos passos na investigação; o modo como a orientação decorrerá. Neste último, digo ao(à) mestrando(a) que entendo a orientação como uma parceria, em que as funções do orientador e do orientando são diferentes, mas o objetivo é comum: produzir um bom trabalho. Sempre assumi que esta minha posição de parceiro no trabalho tinha subjacente, da outra parte, completa abertura para falar das suas dificuldades ao longo do processo. Estava errado.

No ano que terminou tive uma orientanda que não se distinguia de muitas outras. À volta de trinta anos, pouco tempo disponível, aparecia nas reuniões e tirava muitas notas, aceitava sem discussão as

sugestões. A determinada altura disse-me que estava a pensar “saltar fora”, porque a sua vida profissional estava a exigir muito dela. Estando a orientá-la em conjunto com uma colega, coorientadora, informei esta da decisão da aluna. Ficou surpresa pela súbita decisão. Falou com ela, e voltou com inesperadas notícias. A nossa orientanda está a pensar desistir porque... não sabia o que havia de fazer. “Não pode ser!”, disse eu. “Coloquei-me à disposição para ajudar com as dúvidas ou problemas da investigação ...”. Mas pelos vistos isso não chegava, como a minha colega, numa conversa de mulher para mulher, mas sobretudo de “fada madrinha” para “afilhada”, conseguiu apreender. “Ela tem vergonha de mostrar que tem dificuldades e que não sabe o que fazer”. Fiquei boquiaberto.

Desde esse dia, a minha colega fez “marcação cerrada” à aluna, apoiando e descrevendo em minúcia cada passo, suprimindo desse modo a sua falta de autonomia (esse esforço deu resultados, tendo a dissertação sido terminada no prazo previsto). Pelo meu lado, passei a olhar para os restantes orientandos com outros olhos, procurando detetar nos seus silêncios, nas suas tergiversações, os medos e bloqueios que se sentiam incapazes de expressar à pessoa do orientador, mesmo no remanso de um gabinete.

Vi aquilo que antes não vira, e consegui descodificar desistências passadas que não compreendera. Tive de concordar com a minha colega: os alunos têm medo de pedir ajuda para ultrapassarem as suas insuficiências e medos. Mais, na sequência deste episódio, descobri que os livros sobre metodologias de ensino apresentam como uma das regras básicas a impossibilidade de um professor perguntar a um aluno se tem dúvidas, porque, pela razão referida, ele nunca terá. Deverá substituir a pergunta, por exemplo, por questionários anónimos que lhes permitam perceber se os assuntos lecionados estão a ser assimilados adequadamente. Não explicam, no entanto, como esta ferramenta funcionará no âmbito de uma orientação de investigação.

Neste contexto, perguntas brotam na minha mente, sem que eu tenha respostas para elas:

1. O que justifica este medo endémico de expressar a dúvida? Será fruto da moderna educação que os alunos tiveram, que lhes exacerbou a autoestima ao ponto de esta virar uma força de bloqueio?
2. Que formação académica estamos a dar aos nossos jovens, que não lhes desenvolve a autonomia, antes parece constranger a capacidade de avançarem pelo seu próprio pé? Não estaremos a formar “autómatos”, que se limitam a fazer aquilo que alguém lhes manda fazer, desde que as instruções sejam curtas e básicas?
3. Que pode fazer o professor-orientador num ambiente de ensino massificado, que impossibilita que possa conduzir cada aluno pela mão? Deve fazer de conta que não percebe o que se está a passar à sua volta, deixando à Teoria da Seleção Natural a sobrevivência dos mais capazes?

Aceito auxílio que possa ajudar-me a encontrar respostas para estas e outras questões similares que me avassalam. Publicamente assumo a minha incapacidade para o fazer sozinho.

*José António Moreira*